



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita
ao Assentamento “Lulão”**

Santa Cruz de Cabrália-BA, 28 de setembro de 2005

Meu caro governador Paulo Souto, governador do estado da Bahia,
Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Meu caro Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria
e Comércio,

Meu querido companheiro deputado estadual Walmir Assunção,

Meus queridos companheiros prefeito Robério Oliveira, de Eunápolis;
Agenor Birschner, de Arataca; Sérgio Magalhães, de Jussari, e Jackson
Lacerda, de Alcobaça,

Meu caro Rolf, Presidente do Instituto Nacional do Incra,

Meus queridos companheiros vereadores, prefeitos,

Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Eunápolis,
das cidades vizinhas,

E meus companheiros do Movimento Sem-Terra, do Assentamento que
eu fiquei sabendo que era “Lulão” quando eu vim aqui, em janeiro deste ano,

Eu queria chamar aqui o seu Tertuliano, se ele pode ficar aqui do lado,
porque eu acho que a nossa querida Anita Maria de Jesus e o nosso querido
Tertuliano Dias Nascimento, ela com 64 anos de idade, e ele com 82 anos de
idade, são a mais viva demonstração... E eu vou repetir uma coisa que eu dizia
em 89, em 94, em 98, e não posso mudar o meu discurso porque eu virei
Presidente da República. Eu sempre achei que a grande coisa, ou uma das
grandes coisas que o Movimento Sem-Terra faz, pelo Brasil, é que o
Movimento Sem-Terra é capaz de tirar pessoas que estão quase virando párias



da sociedade, espalhadas por esse mundo, sem esperança, e transformá-las em guerreiros e guerreiras, como ele fez com a Dona Anita ou com o senhor Tertuliano: dar esperança, perspectiva, mostrar um horizonte para as pessoas, o que só acontecerá com muita perseverança e com muita luta.

Nesse mundo de hoje, nesse mundo globalizado, muitas vezes um mundo insensato, não há espaço para a covardia, não há espaço para o medo, não há muito espaço para aqueles que não aprenderam a andar de cabeça erguida.

Por isso, querido companheiro Walmir, eu vim aqui, apesar de ontem ter dito que não vinha, por causa das ocupações que os Sem-Terra fizeram nas sedes do Incra pelo país afora. Mas, depois, eu fui para casa e pensei que seria uma insensatez minha fazer com que o povo, a quem eu tinha prometido vir aqui, pagar por uma divergência que possa ter entre o Presidente da República e lideranças, entre lideranças e o Presidente da República. Eu acho que tanto a liderança do Movimento Sem-Terra quanto o Presidente da República podem ter as divergências que quiserem ter, mas em nenhum momento o povo pode pagar o preço da insensatez que a gente possa cometer.

A segunda coisa, Walmir, e eu faço questão de dizer, até eu vi o Zé Rainha aqui, e quero dizer para o Zé Rainha que, muitas vezes, Zé, as pessoas têm... Eu já vi gente com medo de ficar perto do Zé Rainha, porque o Zé Rainha é perseguido, de vez em quando é preso. E eu quero dizer aqui, como Presidente da República, Zé, o seguinte: você não é um companheiro de primeira hora, você é um companheiro que eu conheço há muitos anos, há muitos e muitos anos. E eu sei que quando eu deixar de ser Presidente da República, muitos que hoje são meus companheiros, não serão mais, mas você, certamente, continuará sendo meu companheiro.

E dizer, Walmir, na frente de vocês dois, que são duas lideranças do Movimento, que eu quero que vocês tenham consciência que em nenhum



momento eu fico ofendido ou fico chateado, quando o Movimento reivindica. Eu nasci, na minha vida, aprendendo a reivindicar. E eu sei que todos nós que nascemos no movimento popular, e o próprio governador Paulo Souto, o prefeito de Eunápolis, se o prefeito vai ao governador e ele consegue uma coisinha, pode ficar certo que, um mês depois, ele estará pedindo uma coisa maior, pode ficar certo que depois vai ficar pedindo. Se o governador vai a Brasília pedir um dinheiro para ajudar o estado, e eu der, pode ficar certo que, no mês seguinte, ele vai com um pedido maior. Podem ficar certos.

Ora, da mesma forma que eu tenho consciência que, no movimento social, a luta é quase que infinita. Quanto mais a gente conquista, mais a gente tem vontade de conquistar. Então, não pensem que eu fico chateado. Eu, às vezes, fico chateado porque a gente pode fazer os acordos sem precisar até de muito barulho. Até porque, às vezes, eu acho que sem barulho ele pode sair melhor.

Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês que estou aqui com orgulho. Certamente alguém vai dizer: “mas o presidente Lula foi num assentamento que não tem TV a cabo, o presidente Lula foi num assentamento que não tem telefone celular, o presidente Lula foi num assentamento em que ainda não tem a casa com uma varanda e com uma rede pendurada para a gente se espreguiçar”. Nem podia ter. O que é importante é medir a qualidade desse assentamento, aqui.

Eu estou daqui só olhando os carros passando ali numa estrada asfaltada. Portanto, não vai ter problema de escoamento da produção.

Eu sei que nesta região tem água. Estou vendo postes, ali, que leva luz para tudo quanto é lugar. Pois bem, o Programa Luz para Todos vai iluminar a casa de cada companheiro assentado, não apenas neste assentamento. O nosso compromisso é assentar todas as casas que não têm luz até 2008. E, se Deus quiser, nós vamos cumprir este compromisso, porque só não sabe o valor de um bico de luz, quem nasceu na cidade. Mas quem nasceu no campo, à



base de um candeeiro, ou à base de uma vela, sabe o significado de um bico de luz na casa, sabe o benefício para cuidar de um filho. Então, isso Walmir, é um compromisso nosso com o povo brasileiro e, sobretudo, com os assentamentos.

E mais ainda, eu queria dizer para vocês que fazer as coisas, Walmir, não é tão fácil como a gente muitas vezes teoriza. Você, agora, como deputado, sabe que muitas vezes é mais fácil a gente fazer uma crítica ao governador do que a gente realizar uma obra. Porque este país tem leis, porque este país tem deputado contra, tem vereador contra, tem prefeito contra, como tem a favor. Tem senador contra, senador a favor, é tudo um jogo de correlação de forças, e que nem sempre a correlação de forças está favorável a nós. E, sobretudo, vocês, do Movimento Sem-Terra, sabem o que significa essa palavra chamada correlação de forças. Nem tudo a gente pode fazer para mudar as leis, que precisam ser mudadas. É preciso saber quantos deputados nós vamos ter para votar as coisas, e o jogo é um pouco mais complicado.

Mas o que me deixa tranquilo? Me deixa tranquilo – eu pensei que o Rossetto ia falar aqui, ou o Walmir ia falar aqui – eu vou ter uma reunião para discutir o Orçamento. E o Rossetto já sabe que não vai faltar nenhum real para fazer os assentamentos que tem que fazer neste país este ano. E nós sabemos qual é a nossa meta, porque não foram os Sem-Terra que reivindicaram. A nossa meta é um compromisso de governo, que eu levei no encontro que vocês tiveram, lá em Brasília, no começo de 2003. Portanto, eu não posso dizer que vocês estão reivindicando demais, porque fomos nós que nos comprometemos. E eu sei que nós temos que cumprir os nossos compromissos, por isso eu vim aqui. Eu vim, aqui, em janeiro, estou vindo aqui agora, e já assumo o compromisso, Walmir, que volto aqui para inaugurar as casas junto com você e com outros companheiros aqui, do Movimento dos Sem-Terra.



Quero dizer mais, aos companheiros que estão falando de universidade. Vejam, eu estou levando a reivindicação – espera aí – mas eu vou dizer para vocês, aqui, uma coisa: primeiro, vocês sabem que aqui, na Bahia, eu até combinava com o Governador, hoje, eu, por esses dias, vou vir à Bahia para a gente ir inaugurar a pedra fundamental da Universidade Federal do Recôncavo Baiano. É uma universidade, acho que nós precisamos fazer muitas, vamos fazer quatro Federais. Mas aqui, na Bahia, nós vamos, ainda, estamos consolidando a Universidade Federal do Vale do São Francisco, que é o campus de Petrolina e o campus de Juazeiro. Aqui, na Bahia, nós vamos fazer uma extensão da Universidade Federal para Anísio Teixeira, vamos fazer uma para Barreiras, e vamos levar um Centro Federal de Educação Tecnológica para Vitória da Conquista.

Mas eu ouvi o grito de vocês, aí, de que é preciso trazer uma extensão para Porto Seguro. Eu vou para Eunápolis... Olhem, deixa eu dizer uma coisa para vocês: eu vou levar a reivindicação, a gente não pode fazer todas que quiser. Agora, vai ser feita na cidade que tenha melhor condições de fazer, onde tiver mais gente.

Podem ficar certos disso porque para nós trazermos as universidades federais para cá é a gente fazer com que o interior do Brasil ganhe universidade. E nós vamos anunciar 32 extensões das Federais para o interior do país, nós vamos anunciar quatro Federais novas e nós estamos anunciando 32 novas escolas técnicas neste país.

E por que eu estou dizendo isso? Porque este país vai deixar de ser exportador de produtos *in natura*, de soja ou de minério, que vai continuar exportando, mas nós só seremos uma Nação realmente forte quando a gente estiver exportando o conhecimento, a inteligência do povo brasileiro.

Quero terminar, gente, dizendo para vocês que eu já recebi uma companheira de vocês aqui, no palanque, que me disse que vai estar em Brasília na quarta-feira, vai estar na próxima semana. Eu vou conversar com o



Ministro da Saúde, porque eu acho que nós temos que dar uma resposta, até porque nós estamos numa fase extraordinária. E eu queria dizer aqui, para os Sem-Terra o que eu disse lá, na Veracel: o Brasil está vivendo um momento ímpar, meu caro Walmir – porque é importante fazer um discurso na Assembléia Legislativa – o Brasil está crescendo, a economia está crescendo, o crédito está crescendo, o emprego está crescendo, o superávit de conta corrente, o Brasil está crescendo o empréstimo do Pronaf, e muito, que vocês sabem. Sabem as duas coisas que estão caindo, no Brasil? A inflação e o custo de vida.

Esses dias eu fui informado que um saco de arroz, do melhor do Brasil – não vou dizer o nome para não fazer *merchandising* – que custava 11 reais, em 2003, está custando 6 reais hoje. Hoje eu fui informado, Walmir, que um saco de cimento, que custava R\$ 22,50 em 2003, está custando, agora, R\$ 14,00 em alguns lugares, e tem até de R\$ 11,90.

Então, nós sabemos o que isso significa para a parte mais pobre da população, nós sabemos o que significa ter acesso. Aqui na Bahia nós temos 932 mil famílias recebendo o Bolsa Família. O Bolsa Família, não é uma coisa para a eternidade. O que nós queremos é que todo mundo possa viver às custas do seu trabalho e levar o dinheiro para casa para sustentar a sua família. Esse é o ideal. Mas, enquanto isso não é possível de ser construído, nós vamos dar o Bolsa Família para as pessoas mais necessitadas.

Por isso, Walmir, eu, que pensei que ia estar às duas horas da tarde de volta em Brasília, por causa da votação na Câmara, e já são quatro e meia e eu estou aqui, eu quero, primeiro, agradecer ao Governador da Bahia. É importante dizer: o Governador da Bahia tem sido um parceiro importante, junto com o MDA e com o Incra, aqui neste estado.

Segundo, quero agradecer tanto ao presidente do Incra, o Marcelino e o Rolf, pelo trabalho, mas, sobretudo, agradecer ao companheiro Miguel Rossetto e agradecer a paciência de vocês. Vocês têm muito paciência, muita.



Eu dizia, no carro, ao Governador: feliz do país que tem o povo que nós temos. Porque ficar o tempo que vocês ficaram embaixo do encerado – e ainda vão ficar um pouco mais – mas vocês podem ter certeza que, daqui para frente, a vida de vocês é só melhorar, podem ficar certos que é só melhorar. E, se Deus quiser, quando eu vier aqui da outra vez, nós vamos poder ver a casa de vocês com luz elétrica, temos que ver a escola, que tem que estar digna, aqui. Eu sei que aqui dá para fazer irrigação. Nós vamos fazer uma coisa de qualidade para botar inveja nos adversários da reforma agrária neste país.

Agora, para terminar, eu queria tirar este microfone aqui, eu já falei demais, eu queria saber o seguinte: a dona Anita é uma mulher de 64 anos, vocês percebem que ela parece, aos olhos, franzina, mas disse, “meu caro Presidente, a luta não me assusta”. E ela ganhou uma terrinha, não aqui neste lote, é no outro lote. Mas eu queria, dona Anita, que a senhora dissesse, sobretudo para os companheiros da imprensa, que estão ali, o que que significa esse lote para a senhora?

Dona Anita: Esse lote para mim significa uma coisa muito boa, muita séria, porque tudo que eu desejava na minha vida era ter uma terra. Eu falava que, se eu morresse sem ter um pedaço de terra, eu não me salvava. E para mim foi a coisa melhor do mundo que existiu, foi Lula ganhar a Presidência, para a gente ter a terra da gente.

Presidente: Está feliz?

Dona Anita: Estou feliz e muito feliz.

Presidente: E me diga uma coisa, companheiro Tertuliano, o que significou para você essa terra?



Tertuliano: essa é para eu trabalhar enquanto eu for vivo e deixar para os meus filhos.

Presidente: Olha, aqui, vocês jovens aí que, de vez em quando, têm preguiça de levantar de manhã, vocês viram que ele tem 82 anos e ele falou que o que ele mais quer é trabalhar essa terra dele, com 82 anos. O Brasil, meu caro, eu vou dizer para vocês, companheiras e companheiros, um país que tem um ser humano capaz de lutar o tanto que este senhor lutou e esperar embaixo de um encerado preto o tempo que ele esperou, e depois dizer que o que ele mais quer não é se aposentar, o que ele mais quer é trabalhar a terra dele, este país merece uma chance. E nós, se Deus quiser, vamos realizar essa chance.

Eu quero me despedir de vocês, companheiros, porque daqui a pouco baixa a chuva aí e eu não consigo sair daqui.

Quero dizer para vocês, companheiros, que fiquem certos, eu vi o Prefeito aqui falar das casas de Eunápolis, nós temos muitas casas para fazer, mas eu queria dizer para você o seguinte, meu caro Walmir, fique tranqüilo que nós estamos começando. O Graziano está aqui comigo, já dei ao Graziano a incumbência de estudar, de forma muito criteriosa, o índice de produtividade, que faz mais de 20 anos que não é mexido neste país. Então, nós temos que mexer nele para fazer mais justiça neste país. Quando a gente for fazer, vai ter gente que não vai gostar, e nós sempre iremos fazer aquilo que seja o equilíbrio entre os desejos de uns e os não desejos de outros. Mas, fiquem tranqüilos, que nós logo, logo, vamos apresentar, é um decreto do companheiro Miguel Rossetto, logo, logo a gente vai apresentar o índice de produtividade, para que a gente possa desapropriar mais terras, assentar mais gente e fazer mais justiça social.

Muito obrigado, fiquem com Deus e boa sorte!